

NÚCLEO DE APOIO AOS POVOS DA TERRA (NAPTERRA)

MENDES PATA, Karolina¹
MOREIRA, Júlio da Silveira²

RESUMO

NAPTerra, é um projeto de ação universitária que tem como proposta atuar junto à comunidade de Foz do Iguaçu e região oeste do Paraná, apoiando as demandas que surgem em questão social e de território, referente a áreas de reforma agrária, retomada de terras indígenas, territórios Avá Guaraní e Guaraní Kaiowá, acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Na busca de estabelecer ponte entre os pequenos produtores da agricultura familiar da região com a comunidade universitária, surge uma das ações centrais do projeto, que são as feiras agroecológicas na UNILA e UNIOESTE, vista a demanda do incentivo de base para transformação do modelo de produção e uso da terra, gerando espaço de troca de saberes e atividades culturais. Outras ações também ocorrem, proporcionando a integração e a participação de estudantes e trabalhadores junto a estas comunidades, relacionadas aos direitos humanos dos povos e à agroecologia.

Palavras-chaves: Reforma Agrária, Agroecologia, Feira Agroecológica, Economia Solidária

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido busca elucidar sobre as ações desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2018, iniciando em maio até a presente data, pelos integrantes e colaboradores do projeto de extensão Núcleo de Apoio aos Povos da Terra. As ações se dão junto às demandas das comunidades tradicionais da região, agricultores familiares, assentados e acampados do movimento de reforma agrária, indígenas da fronteira oeste e moradores de Foz do Iguaçu.

Ao abordarmos a questão agrária, vemos o quão vulneráveis estão os camponeses e comunidades tradicionais³ em todo território brasileiro, e no estado do Paraná, não é diferente, ao observarmos as questões de terra e território na fronteira

1 Estudante do Curso de Antropologia e Diversidade Cultural Latinoamericana- ILAACH – UNILA; bolsista PROEX - UNILA. E-mail: km.pata.2018@aluno.unila.edu.br;

2 Docente do – ILAESP – UNILA. Orientador de bolsista PROEX - UNILA E-mail: julio.moreira@unila.edu.br.

3 De acordo com o Decreto Federal nº 6040 de 7 de fevereiro de 2000; "Povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição"

oeste do Paraná, constatamos o quão crítica é a realidade destes povos frente a avalanche do agronegócio, com seus latifúndios de comódites regados de agrotóxicos. Com isso, reconhecemos a importância de articular junto aos Povos da Terra, dentro de suas demandas e apoiando a Agroecologia, como uma alternativa à agricultura capitalista, promovendo soberania alimentar, conservando a biodiversidade e integrando os conhecimentos históricos das populações tradicionais ao conhecimento técnico-científico. Com isso, a agroecologia estabelece a “reconstrução ecológica da agricultura na sua estratégia de resistência e luta pela transformação radical da sociedade” (HADICH et al, 2015, p. 180).

2 METODOLOGIA

O projeto de extensão universitária se estabelece por meio de pessoas e assim, relações e diálogo entre os integrantes e colaboradores do Núcleo com agricultoras e agricultores familiares, acampadas(os) e assentadas(os) da reforma agrária, lideranças das comunidades indígenas, moradores dos bairros de Foz do Iguaçu e membros da comunidade universitária. NAP Terra participa do Observatório da Questão Agrária no Oeste do Paraná, também realiza atividades de campo com estudantes de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar e outros cursos, desenvolvendo projeto de cultivo de plantas medicinais e árvores frutíferas em terras Guarani de Guaíra e Terra Roxa, com apoio do Refúgio Biológico da Itaipu Binacional, participa de eventos associados aos temas de Agroecologia, Reforma Agrária e Direitos Humanos, como Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária (JURA), Jornada de Agroecologia, Romaria da Terra, Jornadas de Pesquisa da Questão Agrária no Paraná, Simposio Internacional de Geografia Agrária (SINGA) em Curitiba. O projeto estabelece relações com outras iniciativas dentro da UNILA, outros projetos de extensão, como PANCS na Escola (Educação Ambiental e Soberania Alimentar com Plantas Alimentícias Não Convencionais em Foz do Iguaçu) e projetos relacionados aos povos indígenas, com o Grupo de Agroecologia - GAL, Horta e Soberania Alimentar, Mutirão Unileiro, coletivos, movimentos sociais, com a comunidade externa de Foz do Iguaçu, com agricultores familiares de Missal, Ramilândia e São Miguel e Rede Ecovida de Agroecologia. Este último elo, resulta em uma das ações principais do projeto, que são as feiras agroecológicas

dentro do campi da UNILA e UNIOESTE, onde produtos “sem veneno”, de manejo agroecológico, são trazidos direto do produtor, cuja terra veio de luta e reforma agrária, para dentro da Universidade. Sendo as feiras manifestações de troca de saberes, cultura, integração, promoção de saúde e lazer, com tudo, fomentam a economia solidária, o mercado local e aproximam quem produz de quem consome, de maneira direta e sem atravessadores.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A transição para um modelo de agricultura que seja mais sustentável é urgente e necessária, não só no território brasileiro, como no panorama mundial. O modelo de economia brasileiro é ainda fortemente marcado pelo colonialismo, isso se traduz na concentração de terras com sistemas de produção latifundiário, de monocultura e em larga escala. E para manter esta conjuntura, o desenvolvimento de tecnologias de engenharia genética caminha lado a lado ao sistema de comodites, chamado agronegócio.

O Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo, sendo o estado do Paraná o vice-campeão nacional. Este modelo tem se mostrado muito bem estruturado dentro do mundo globalizado, favorecendo o modelo capitalista agrário, concentrando renda e devastando a vida, das espécies de vegetais, animais, água, solo, ar e seres humanos. Os camponeses, trabalhadores rurais de pequenas porcentagens de terra e comunidades tradicionais, são afetados diretamente com o avanço do agronegócio, com o aumento dos conflitos de terras e violência no campo, a pulverização aérea de agrotóxicos, danificando os cultivos e assassinando espécies endêmicas e nativas, um ataque a biodiversidade, quando esta não é utilizada como arma química contra os grupos humanos, causando a morte de rios e olhos d'água que mantêm as populações e isolando os grupos frente as fronteiras agrícolas, esta economia de mercado não possibilita os camponeses competir com agricultor capitalizado, que utiizam das heranças tecnológicas da Revolução Verde. Disposto isto, é de suma importância articular junto aos povos, para que uma transição agroecológica, a reforma agrária, a demarcação de terras indígenas e efetiva proteção da Terra e tudo que nela vive seja feito em cooperação. Sendo o

ambiente universitário extremamente fértil para tais iniciativas em pesquisa, ensino, extensão e resistência.

Os sistemas agroecológicos são baseados nas interações biodiversas, preocupadas no equilíbrio do ecossistema, conservam o solo e recursos d'água, se adaptam às condições geográficas locais e visam a produção diversificada e descentralizada de alimentos, garantindo a soberania e segurança alimentar de todos. Para Altieri (1989), a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, ecologia, economia e sociologia. Já uma definição mais ampla é proposta por Sevilla Guzmán e González de Molina (1996), para quem a Agroecologia corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para –através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica– reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e expoliadoras da natureza e da sociedade. A economia solidária vem junto a agroecologia como um:

“modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática [...] É o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários, em que os que desempenham funções responsáveis têm autoridade sobre os outros” (SINGER, 2008).

4 RESULTADOS

Integração e apoio as demandas dos camponeses e comunidades tradicionais, por meio da relação direta e engajada. Proporcionando encontros e trocas cooperativas entre a comunidade universitária e comunidade externa de Foz do Iguaçu com estes movimentos e iniciativas.

5 CONCLUSÕES

Concluo, proporcionar ambientes de fluxo de saberes e culturas dentro da universidade, em relacionamento direto com os Povos da Terra (assentados e

acampados da reforma agrária, camponeses, trabalhadores, populações indígenas, etc), é prioridade para que haja uma verdadeira integração social, política, econômica e técnica entre os indivíduos. Os integrantes do projeto de extensão NAP Terra, buscam atuar como veículo para estabelecer pontes entre científico e tradicional, para que estas, possamos atuar em uma luta engajada e transformadora. O que se manifesta nas ações do projeto, que estão longe de ser o ideal almejado, pois nada é tão revolucionário quanto o poder de não ser estático. Pouco a pouco o somatório de iniciativas e iniciadores se faz matéria em colaboração com núcleos e grupos de pesquisas de outras universidades, sendo um exemplo disso, a participação do Núcleo de Apoio aos Povos da Terra na construção do Atlas da Questão Agrária no Paraná.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. 2. ed. Rio de Janeiro, 1989. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba. 2002.

Agrotóxicos: Violências Socioambientais e Direitos Humanos no Brasil, 2016. Editora UEG Anápolis, GO. Disponível em: <http://contraosagrototoxicos.org/> Acesso realizado 13/09/2018.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: CAPORAL, Francisco Roberto;

AZEVEDO, Edisio Oliveira de. “**Princípios e Perspectivas da Agroecologia**”. Curitiba: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2011.

FEIDEN, Alberto. **Agroecologia**: Introdução e Conceitos. Disponível em <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/>. Acesso realizado 15/09/2018.

HADICH, Ceres Luísa Antunes; TARDIN, José Maria; DALLAGNO, André; PIVATO, Jakeline Furquim. As jornadas de agroecologia na construção de uma terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos. In: CANUTO, Antônio et al (coord.). Conflitos no Campo – Brasil 2015. Goiânia: CPT, 2015

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Agroecologia, Soberania Alimentar e Cooperação (Cadernos de Educação). [S.l.]: Setores de Educação e de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST, 2010.